



DOI: [10.20396/conex.v23i00.8678212](https://doi.org/10.20396/conex.v23i00.8678212)

Artigo Original

A abordagem crítico-emancipatória e a noção de experiência: uma análise filosófica

Critical-emancipatory approach and experience notion: a philosophical appraisal

Enfoque crítico-emancipador y la noción de experiencia: una valoración filosófica

George Ivan da Holanda¹ 

Ari Lazzarotti Filho² 

RESUMO

Objetivo: O presente estudo teve como principal propósito analisar o lugar da noção de experiência no contexto da abordagem crítico-emancipatória. **Metodologia:** Para cumprir adequadamente essa finalidade, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de explorar a produção acadêmica de Elenor Kunz e seus colaboradores. A técnica de análise empregada foi a leitura analítica e sistemática. **Resultados e discussão:** Dentre algumas conclusões preliminares, vale mencionar as quatro influências filosóficas identificadas na constituição da noção de experiência, revelando a sua inequívoca diversidade em matéria de constructos e referenciais teóricos. **Conclusão:** Um outro resultado indica que da abordagem crítico-emancipatória pode emergir um meio propício para conduzir o processo de ensino-aprendizagem da educação física no que concerne às experiências corporais, nomeadamente organizando-se como uma proposição que encontra o lugar e valoriza a experiência no âmbito da educação física.

Palavras-chave: Teorias pedagógicas da Educação Física. Elenor Kunz. Abordagem crítico-emancipatória. Concepções filosóficas.

¹ Universidade Estadual de Goiás, Faculdade de Educação Física, Itumbiara - GO, Brasil.

² Universidade Estadual de Goiás, Faculdade de Educação Física, Itumbiara - GO, Brasil.

Correspondência:

George Ivan da Holanda, Universidade Estadual de Goiás, Faculdade de Educação Física da UEG .
Av. Modesto de Carvalho, S/Nº - Distrito Agro Industrial - Faculdade de Educação Física - Campus
Itumbiara
CEP 75536100 - Itumbiara, GO - Brasil E-mail: geo.holanda07@gmail.com



ABSTRACT

Objective: The present study aimed primarily to analyze the role of the notion of experience within the context of the critical-emancipatory approach. **Methodology:** To adequately fulfill this objective, bibliographic research was conducted to explore the academic production of Elenor Kunz and his collaborators. The analytical technique employed was systematic and analytical reading. **Results and discussion:** Among some preliminary conclusions, it is worth mentioning the four philosophical influences identified in the constitution of the notion of experience, revealing its undeniable diversity in terms of constructs and theoretical references. **Conclusion:** Another result indicates that the critical-emancipatory approach may provide a favorable means for guiding the teaching-learning process in physical education concerning bodily experiences, particularly by structuring itself as a proposition that both finds a place for and values experience within the scope of physical education.

Keywords: Pedagogical theories concerning Physical Education. Elenor Kunz. Critical-emancipatory approach. Philosophical Conceptions.

RESUMEN

Objetivo: El presente estudio tuvo como propósito principal analizar el lugar de la noción de experiencia en el contexto del enfoque crítico-emancipador. **Metodología:** Para cumplir adecuadamente con este objetivo, se realizó una investigación bibliográfica con el fin de explorar la producción académica de Elenor Kunz y sus colaboradores. La técnica de análisis empleada fue la lectura analítica y sistemática. **Resultados y discusión:** Entre algunas conclusiones preliminares, cabe mencionar las cuatro influencias filosóficas identificadas en la constitución de la noción de experiencia, lo que revela su innegable diversidad en términos de constructos y referentes teóricos. **Conclusión:** Otro resultado indica que del enfoque crítico-emancipador puede surgir un medio propicio para orientar el proceso de enseñanza-aprendizaje de la educación física en lo que respecta a las experiencias corporales, organizándose, en particular, como una propuesta que encuentra su lugar y valora la experiencia en el ámbito de la educación física.

Palabras Clave: Teorías pedagógicas de la Educación Física. Elenor Kunz. Enfoque crítico-emancipador. Concepciones filosóficas.

INTRODUÇÃO

A educação física escolar brasileira é sistematizada a partir de certas abordagens pedagógicas, tais como a desenvolvimentista, a construtivista-interacionista, além da crítico-superadora e da crítico-emancipatória, dentre outras (Darido, 2003). A estas sistematizações subjazem princípios teóricos de natureza filosófica, sociológica, política e social, os quais, na prática, influenciam o processo de ensino e de aprendizagem, especialmente no manejo dos conteúdos trabalhados.

Segundo Bracht (1999), as teorias pedagógicas da educação física, também denominadas abordagens pedagógicas, são fruto do Movimento Renovador da Educação Física, que emergiu na década de 1980. Esse movimento teve como principal objetivo reformular a educação física a partir de referenciais teóricos das Ciências Humanas e Sociais, promovendo uma análise crítica ao paradigma da aptidão física.

A esse respeito, dentre as abordagens da educação física, então conduzida no âmbito escolar, Vargas, Morisso e Sawitzki (2018) destacam a crítico-emancipatória, por entenderem que as suas proposições, constituidoras de sua base epistemológica, concedem explicitamente como centrais, no decurso das aulas, a subjetividade dos aprendizes, valorizando, assim, as suas emoções, ou ainda, as suas experiências.

A abordagem crítico-emancipatória fundamenta-se na teoria crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt, especialmente a partir das reflexões de Jürgen Habermas, com ênfase em temas como a emancipação humana, a teoria da ação comunicativa e a Fenomenologia. Trata-se de uma abordagem metodológica adequada às aulas de educação física, promovendo, de forma colaborativa, diversas experiências corporais, possibilitadas, entre outros fatores, pela tematização dos elementos da cultura de movimento¹.

A noção de experiência permeia a abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz, possibilitando a consideração da educação física escolar como um campo voltado à formação humana com sentido e significado. Em parte de sua produção teórica, Kunz dialoga com diferentes perspectivas filosóficas para compreender a experiência não apenas como vivência pontual, mas como um processo formativo

¹ Segundo Mendes e Nóbrega (2009, p. 6): “[...] a cultura de movimento, ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história.” Para os autores, são um tipo conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, contemplando os aspectos “bioculturais”, sociais e históricos, não se limitando às manifestações de esportes, jogos, ginástica, danças ou lutas, mas contemplando as diversas formas como os sujeitos fazem uso do seu corpo.

que se estrutura a partir das interações entre corpo, subjetividade e sociedade. Assim, a noção de experiência ganha elementos pedagógicos relevantes, pois não se reduz a um simples "fazer", mas envolve reflexões críticas sobre o sentido do movimento humano.

Nesse sentido, a compreensão aprofundada da experiência se torna essencial para a educação física, pois permite um afastamento de práticas mecanicistas e instrumentalizadas, que reduzem o movimento a execução de técnicas e gestos padronizados (Holanda e Bungenstab, 2021). Para Kunz (2000), o ensino deve possibilitar experiências significativas, em que os sujeitos possam explorar suas potencialidades sensoriais, expressivas e criativas, construindo conhecimentos que vão além da mera execução dos gestos técnicos.

Dessa maneira, é fundamental aprofundar o debate sobre experiência no campo da educação física, tendo em vista que a própria identidade desse componente curricular pode ser ressignificada por meio dessa perspectiva. Como argumentam Diehl, Wittizorecki e Molina Neto (2017), o estudo da experiência amplia as possibilidades de compreensão sobre o ensino da educação física, tornando-o mais sensível às singularidades dos sujeitos e menos dependente de um modelo tecnicista e esportivista. Essa reflexão também ganha força no contexto atual, em que a escola precisa oferecer experiências de ensino-aprendizagem que contribuam para a formação integral dos alunos (Brasil, 2018).

Por fim, compreender a perspectiva da experiência na educação física escolar é importante para o aumento de pesquisas e práticas pedagógicas, que permitam superar paradigmas tradicionais e abrir espaço para abordagens que reconheçam o valor formativo do movimento humano. Nessa direção, o presente estudo se propõe a analisar a relevância desta noção no contexto da abordagem crítico-emancipatória.

MÉTODO

De acordo com Minayo (1994, p. 23), pesquisar é um processo no qual o pesquisador tem "[...] uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente". Por isso, a pesquisa deve constituir-se em uma atividade que parte de uma indagação para então (re)construir hipóteses, reflexões, teorias etc., visando, dentre outras, colaborar com as reflexões de determinado campo.

Desse modo, o referido texto é oriundo de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, a qual, segundo Gil (2017), constitui em um modelo de investigação que possibilita analisar diversas posições relacionadas ao problema da pesquisa. Com relação à técnica da pesquisa para análise de dados, efetuou-se a leitura sistemática em consonância com os preceitos de Salvador (1986).

Dessa forma, considerando a abrangência teórica da obra de Elenor Kunz, na qual diversos trabalhos podem abordar o conceito de experiência de maneira direta ou indireta, foram estabelecidos critérios rigorosos para a seleção das fontes analisadas. Para tanto, adotou-se a leitura sistemática como principal técnica de análise de dados. De acordo com Lima e Mioto (2007), essa abordagem é fundamental para a investigação bibliográfica, pois possibilita a identificação de informações relevantes nos materiais selecionados, bem como a análise de suas inter-relações e coerência.

Salvador (1986) propõe cinco etapas para a leitura sistemática, que foram seguidas neste estudo. Inicialmente, ocorre a leitura de reconhecimento, uma análise preliminar do material bibliográfico para selecionar textos pertinentes. Em seguida, realiza-se a leitura exploratória, que refina essa seleção, eliminando textos menos relevantes. Na terceira etapa, a leitura seletiva prioriza os dados mais significativos, descartando informações secundárias. A quarta e quinta etapas desempenham um papel fundamental na análise crítica do material lido. A leitura reflexiva permite um exame aprofundado dos textos, considerando o referencial teórico adotado. Em seguida, a leitura interpretativa possibilita ao pesquisador estabelecer relações entre as teorias extraídas dos textos e suas próprias análises, favorecendo uma compreensão mais abrangente e integrada do conteúdo.

Assim, a seleção do material de análise foi realizada com base nas diretrizes metodológicas de Salvador (1986). Inicialmente, procedeu-se a uma análise preliminar, seguida de uma leitura exploratória de todas as obras produzidas/organizadas por Kunz, bem como de seus artigos publicados, tanto individualmente quanto em coautoria. Em um segundo momento, realizou-se uma leitura seletiva, por meio da qual foram identificados e separados os textos que abordavam a noção de experiência, preparando o material coletado para a etapa subsequente. No terceiro momento, empreendeu-se uma leitura reflexiva e interpretativo-analítica, a partir da qual a produção do autor foi categorizada em quatro principais “influências filosóficas” que estruturam o desenvolvimento deste estudo: (1) influências fenomenológicas, (2) influências hermenêuticas, (3) influências críticas e (4) influências contemporâneas.

O lugar da experiência na abordagem-crítico emancipatória: influências de diferentes correntes filosóficas

Ao se analisar a produção teórica de Kunz (1991, 1994) – livros e artigos, tanto trabalhos individuais, quanto trabalhos na condição de coautor ou organizador – nota-se uma multiplicidade de temas, orientados por diferentes autores e teorias. Tal característica esteve presente desde o início da carreira do

autor como pesquisador, expressando sua vontade de estabelecer diálogos com conhecimentos considerados divergentes.

Desse modo, identifica-se, conforme o Quadro 1, as correntes filosóficas que influíram no debate sobre a noção de experiência na abordagem crítico-emancipatória. Cabe destacar, ainda, que a proposta não é “encaixotar” as influências filosóficas, como se a teorização dos autores não tivesse aproximações e pontos em comum, mas sim, compreender os debates filosóficos presentes na abordagem, facilitando, assim, o processo de análise.

Quadro 1: Correntes filosóficas e autores que influenciaram o debate sobre a noção de experiência na abordagem crítico-emancipatória

Influência Fenomenológica	Influência Crítica	Influência Hermenêutica	Influências contemporâneas
Maurice Merleau-Ponty	Walter Benjamin/ Rudolf Zur Lippe	Hans-Georg Gadamer/ Otto Friedrich Bollnow	Reiner Hildebrandt- Stramann/ Jorge Larrosa Bondía

Optou-se pela categorização “influência filosófica” consoante o entendimento segundo o qual os autores citados participaram efetivamente do movimento da elaboração de uma determinada corrente filosófica, como é o caso de Merleau-Ponty, com a fenomenologia; de Gadamer, com a hermenêutica e de Walter Benjamin e Zur Lippe (aluno de Adorno e expoente da Escola de Frankfurt), com a teoria crítica. Já na categoria “influências contemporâneas”, têm-se casos de múltiplas correntes de pensamento, de autores mais atuais, que não se vinculam a nenhuma corrente clássica da Filosofia, representados por Reiner Hildebrandt-Stramann e Jorge Larrosa Bondía.

O Quadro 2 exhibe o título dos textos nos quais Elenor Kunz e seus colaboradores, a partir das respectivas influências filosóficas, vão trabalhar diretamente com a noção de experiência consoante a abordagem crítico-emancipatória.

Quadro 2: Textos de Kunz e colaboradores sobre o conceito de experiência com suas respectivas influências filosóficas

Autores	Título	Influência Filosófica	Tipo de obra/ Ano
Elenor Kunz	Práticas didáticas para um “Conhecimento de Si”: crianças e jovens na Educação Física.	Fenomenológica Crítica	Capítulo de livro (2002)
Heide-Karen Maraun; Elenor Kunz; Andreas H. Trebels (org.)	Ensino-aprendizagem aberto às experiências. Sobre a gênese e estrutura da aprendizagem autodeterminada na educação física.	Fenomenológica Hermenêutica	Capítulo de livro (2006)
Juliano Boscatto; Elenor Kunz	Consciência e experiência: contribuições para a formação humana.	Crítica	Artigo (2012)

Danieli Marques; Aguinaldo Surdi; Marília de Assis; Elenor Kunz	Das técnicas específicas e do mundo vivido: implicações sobre o imitar e o criar na dança.	Fenomenológica	Artigo (2014)
Felipe de Castro; Elenor Kunz	O fazer experiência do ser-criança: entre o estímulo e a descoberta.	Hermenêutica Contemporânea	Capítulo de livro (2015a)
Felipe de Castro; Elenor Kunz	O controle da subjetividade e das experiências corporais sensíveis: implicações para o brincar e se-movimentar da criança.	Crítica Contemporânea	Artigo (2015b)
Elenor Kunz; Reiner Hildebrandt-Stramann; Aguinaldo Surdi	Das “profundezas do espaço”: considerações sobre o jogo de futebol de um ponto de vista da teoria espacial e corporal.	Contemporânea	Artigo (2021)

Partindo da leitura sistemática dos textos categorizados no Quadro 2, na sequência, será realizada a análise do lugar da experiência na abordagem crítico-emancipatória.

Influência fenomenológica: aproximações com o campo da Filosofia de Merleau-Ponty

Filósofo e psicólogo francês, Maurice Merleau-Ponty fez uma releitura da fenomenologia de Edmund Husserl, “[...] criticando o idealismo transcendental e transpondo a essência idealista para a existência factual em fenomenologia” (Moreira, 2004, p. 448). Por mais que não tenha sido o idealizador da corrente fenomenológica, foi Merleau-Ponty (1999) que instituiu as bases do pensamento fenomenológico utilizado, contemporaneamente, nas Ciências Humanas e Sociais.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 1), “a fenomenologia é o estudo das essências; e todos os problemas, segundo ela, voltam a definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. Com efeito, trata-se de um tipo de Filosofia transcendental, pondo em suspenso o objeto investigado com o intuito de compreendê-lo.

Kunz (2000), ao dialogar sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), destaca que esta corrente filosófica oferece uma lógica distintiva de pensamento diante do cientificismo positivista. Por exemplo, a compreensão fenomenológica é tal que denuncia o modo como o positivismo se interessava unicamente pelos conhecimentos objetivos, tratando-os como leis.

Desse modo, Kunz (2000), em uma crítica à lógica positivista na educação física, evidenciada no processo de ensino-aprendizagem pela ênfase dada na

aptidão física e esportivização precoce, entende ser a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) a sustentação teórica para pensar uma superação desse cenário.

A ascendência da fenomenologia, no pensamento de Kunz (2000), faculta ao autor articulá-la com a abordagem crítico-emancipatória, nomeadamente viabilizando o debate sobre experiência na teoria. Kunz (2000) destaca que a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1999) é crucial para a educação física, pois “revoluciona” a forma de conceber a área, não só possibilitando novas relações com o movimento humano, como também desenvolvendo um olhar que altera a percepção mecanicista a propósito das experiências corporais.

Por fim, ao estabelecer um diálogo com a concepção fenomenológica, Kunz (2002) inicia uma reflexão ainda em estágio inicial sobre como a sensibilidade, a intuição e as percepções humanas poder-se-iam ser ativamente desenvolvidas, desde que os sujeitos possuíssem uma quantidade maior de experiências oportunizadas. Para o autor, tais experiências precisam estar dotadas de um “se-movimentar²” autônomo, pois a experiência ocorre quando há liberdade.

De igual modo, em Maraun (2006), a noção de experiência é articulada a partir do diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), focando nas mudanças ocorridas na sociedade pela ênfase dada à lógica positivista de mundo, que causa um afastamento de tudo o que é considerado subjetivo do contexto escolar.

No entendimento da autora supracitada, a abordagem fenomenológica é importante para pensar a educação física escolar porque confere centralidade ao sujeito e ao seu corpo, o qual se movimenta. Por outras palavras, trata-se de uma perspectiva filosófica que enseja a compreensão segundo a qual os sentidos estão intensamente ligados ao corpo, sendo as experiências da vida de um sujeito, em sua grande maioria, experiências cinestésicas.

Das leituras fenomenológicas emergem a discussão a propósito do ensino das técnicas específicas da dança por meio das experiências (Marques *et al.*,

² O se-movimentar, segundo Trebels (2006, p. 40), “[...] é a forma de um agir original do ser humano por meio do qual ele se garante como ser no mundo e na qual – neste agir – ele mesmo, como sujeito, e o mundo, como sua contraface imaginária, adquirem contornos visíveis. Um se-movimentar é, junto com o pensar e falar, entre outras ações, uma das múltiplas formas nas quais a unidade primordial do ser humano com o mundo se manifesta.” O autor também enfatiza que o *se-movimentar* representa a concretização dos significados motores em situações reais, correspondendo à execução de movimentos baseados nas possibilidades individuais.

De modo complementar, para Kunz (1994), o se-movimentar não se restringe à execução de gestos motores, mas envolve dimensões subjetivas, culturais e existenciais. Ou seja, é um movimento dotado de intencionalidade e significado para o sujeito, que reflete a maneira como ele percebe a si mesmo e age no mundo. Essa compreensão rompe com a dicotomia tradicional entre corpo e mente, valorizando o movimento como um fenômeno complexo e integrado à existência humana.

2014). De acordo com estes autores, é sintomático o fato de que tal prática corporal, historicamente, tem sido trabalhada sob o viés “aprender-mecânico”, pautado em técnicas reprodutivistas, não abrindo espaço para o “aprender-artístico-sensível”.

O estudo de Marques *et al.* (2014) é o último a expor uma reflexão fenomenológica a propósito da experiência, sendo a produção que apresenta um diálogo estreito e profundo com a fenomenologia de Merleau-Ponty, evidenciando amadurecimento teórico sobre a temática. Nota-se, portanto, um aprofundamento conceitual significativo do pensamento do autor e de seus colaboradores, mostrando um avanço teórico a partir de Merleau-Ponty (1999) e sobre o conceito de experiência de influência fenomenológica.

Com base nas análises previamente realizadas, percebe-se que a fenomenologia de Merleau-Ponty oferece uma base epistemológica que desafia a abordagem mecanicista e reprodutivista no ensino da educação física. A crítica de Kunz (2000) ao positivismo se alicerça justamente na necessidade de um ensino que valorize a experiência vivida e a autonomia do sujeito em movimento, e não apenas a transmissão de conhecimentos técnicos. A experiência corporal, nessa perspectiva, torna-se um elemento central do processo formativo, permitindo que os alunos desenvolvam um olhar crítico-sensível sobre sua relação com o mundo e com os diferentes conhecimentos da cultura de movimento.

Ao conectar a fenomenologia com sua proposição didática, Kunz (2000) amplia a compreensão do movimento humano ao propor que a experiência seja um elemento estruturante do ensino. Assim, a influência fenomenológica permite que a educação física se constitua como um espaço para a experimentação, a sensibilidade e a criatividade, favorecendo práticas pedagógicas que extrapolam a mera aptidão física e alcançam dimensões mais amplas da existência humana.

Dessa forma, a experiência, tal como compreendida na fenomenologia e incorporada por Kunz, assume um papel essencial na educação física, pois abre possibilidades à subjetividade-sensibilidade dos sujeitos que se movimentam. Assim, a relação entre a influência fenomenológica e a abordagem crítico-emancipatória evidencia um compromisso com a valorização da experiência como eixo estruturante do processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma prática que favorece o encontro entre corpo, movimento e significado na formação dos alunos.

Influência crítica: a Escola de Frankfurt e o conceito de experiência

O teor crítico da produção teórica de Elenor Kunz é inequívoco. Em *Educação Física: Ensino & Mudanças* o autor já apresentava alguns elementos críticos de matriz freireana. No entanto, com o livro *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, há um aprofundamento da crítica a partir das teorias de autores vinculados à Escola de Frankfurt.

A influência crítica também repercutiu de forma significativa na teorização sobre a noção de experiência presente na abordagem crítico-emancipatória. Os principais nomes para esse período são Rudolf Zur Lippe e Walter Benjamin. Com esses autores, Kunz (2002) pôde filosoficamente se apropriar da noção de experiência sem, no entanto, abandonar a criticidade inerente à sua abordagem.

Segundo Mogendorff (2012), em 1923, uma autorização ministerial deu início à construção do Instituto de Pesquisas Sociais, vinculado à Universidade de Frankfurt. O Instituto tornou-se o centro de um grupo teóricos europeus, que elaboraram uma teoria crítica para analisar a sociedade do fim do século XX e início do século XXI. Dentre os principais nomes constam Theodor W. Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Erich Fromm (1900-1980) e Herbert Marcuse (1898-1979). Posteriormente, intelectuais como Walter Benjamin (1892-1940) e Siegfried Kracauer (1889-1966) também foram associados à Escola de Frankfurt.

Na educação física, a concepção crítico-emancipatória fundamenta-se, predominantemente, em pressupostos filosóficos oriundos da Escola de Frankfurt, com ênfase nas noções de emancipação e ação comunicativa, as quais são centrais na abordagem desenvolvida por Elenor Kunz. O principal autor dessa proposta é o filósofo alemão Jürgen Habermas, que marcou, de maneira profunda, as reflexões feitas por Kunz na elaboração de sua abordagem.

Assim, é no texto *Práticas didáticas para um 'Conhecimento de Si': crianças e jovens na Educação Física*, que Kunz (2002) inaugura um diálogo com a concepção de experiência tal qual referenciada por Rudolf Zur Lippe, que foi aluno de Theodor Adorno e editor de algumas de suas obras.

Para isso, Kunz (2002) lança mão do entendimento de Zur Lippe ao problematizar a tríade filosófica vida/vivência/experiência. Cada termo destacado se articula de modo a formar as dimensões da existência dos sujeitos, onde a vida se refere às funções biológicas; a vivência representa as elaborações e expressões emocionais, e as experiências são os processamentos manifestos na consciência humana.

Ao enfatizar a importância de se voltar o olhar para as vivências e as experiências no campo educacional, Kunz (2002) aponta como o excesso de razão intelectual calculista prejudica a subjetividade e sensibilidade dos sujeitos, afastando-os da autonomia e liberdade, tornando o ensino do esporte como algo parametrizado, comparado e com excessiva ênfase no gesto técnico. Para o autor, a compreensão sobre vida/vivência/experiência é primordial para se pensar um ensino na educação física escolar numa outra lógica formativa.

Já em Boscatto e Kunz (2012), o debate sobre experiência é elaborado a partir de Erich Fromm, também membro da Escola de Frankfurt. A partir das reflexões desse filósofo, Kunz (2002) reflete sobre a noção de experiência em uma perspectiva crítica, alinhada às principais teorizações que estavam sendo levantadas no debate exercido pelo círculo frankfurtiano.

Erich Fromm era um filósofo frankfurtiano que dialogava, entre outros nomes, com autores como Karl Marx e Sigmund Freud, nomeadamente preocupando-se em compreender a cultura do capitalismo contemporâneo (Maciel, 2020). Sua teoria é contemplada na abordagem crítico-emancipatória, sobretudo pelo estudo do conceito de alienação, como também na crítica ao capitalismo do século XX.

Utilizando-se de elementos da teoria crítica e humanista de Erich Fromm, Boscatto e Kunz (2012) buscam compreender a maneira como as experiências significativas estão associadas à formação de consciência do sujeito, influenciando-a. Sendo, por isso, necessário que a educação física escolar contribua para a produção de uma consciência verdadeira nos alunos, proporcionando experiências que façam sentido e significado ao contexto em que estão inseridos.

Por fim, sob a ótica de Walter Benjamin, outro membro da Escola de Frankfurt, Castro e Kunz (2015b) dialogam com as noções de vivência e experiências. Na teoria benjaminiana, a vivência é uma noção superficial da experiência, ou seja, a vivência é um acontecimento que não tem força, que não marca, acabando por se perder na memória dos sujeitos, enquanto a experiência é algo mais duradouro e potencialmente formativo e, por isso, permanece com aquele que a viveu.

Assim, Castro e Kunz (2015b) destacam que essa condição de dificuldade em se ter experiências é uma característica da sociedade moderna, sobretudo a industrializada, que de tão acelerada e mecanizada impossibilita os sujeitos de intercambiar experiências, restando-lhes apenas as vivências. Por isso, o campo educacional da educação física torna o ensino dos elementos da cultura de movimento meras vivências, fragmentos de formação, que impossibilitam um processo de ensino-aprendizagem mais marcante.

Os autores concluem o diálogo com a teoria benjaminiana, realçando a necessidade de resgatar a importância das experiências e da valorização do mundo vivido dos sujeitos; parte desse resgate passa pela valorização do seu brincar e “se-movimentar”. Para os autores, esse movimento de retomada “[...] pode despertar o poder criativo que a criança ainda possui, o qual tem se tornado raro na vida adulta em um mundo do ‘tudo pronto’, pobre em experiências” (Castro; Kunz, 2015b, p. 51).

A partir da interlocução entre as concepções filosóficas da Escola de Frankfurt e a abordagem crítico-emancipatória, torna-se evidente que a noção de experiência adquire centralidade na didatização das práticas corporais na educação física. Ao articular as ideias de Walter Benjamin, Rudolf Zur Lippe e Erich Fromm, Kunz, juntamente com seus colaboradores, rompem com a educação física tradicional, propondo um ensino com mais sentido e significado. A noção de experiência de influência crítica possibilita que a educação física escolar não se limite à repetição técnica de gestos motores.

Nesse sentido, a abordagem de Kunz está ancorada no princípio de emancipação de Habermas, na medida em que busca desenvolver uma prática comunicativa e reflexiva no ensino do esporte e do movimento. A ênfase na experiência, em oposição à mera vivência, reforça a necessidade de um ensino que priorize o protagonismo dos alunos, permitindo-lhes construir sentidos próprios para suas interações com a cultura de movimento.

Por fim, a confluência entre a influência crítica e a educação física aponta para um processo didático-pedagógico que resiste às tendências alienantes da sociedade contemporânea. Dessa forma, as aulas se tornam um espaço privilegiado para a construção de experiências, nas quais os alunos possam desenvolver uma compreensão ampliada do mundo e de si mesmos, promovendo, assim, uma relação com o processo de ensino-aprendizagem que transcenda a mera instrução e se configure como prática verdadeiramente transformadora.

Influência Hermenêutica: contribuições da experiência gadameriana para a educação física

O lugar da experiência na abordagem crítico-emancipatória de influência hermenêutica se concentra em dois principais filósofos: Otto Friedrich Bollnow e Hans-Georg Gadamer. São reflexões localizadas em dois textos: o primeiro – um debate a partir de Bollnow – constitui em um capítulo de livro produzido por Maraun (2006), no qual Elenor Kunz atuou como tradutor/organizador da obra; o segundo, um artigo publicado por Castro e Kunz (2015a), no qual, a partir das teorias de Gadamer, problematizam o conceito de experiência.

Otto Friedrich Bollnow nasceu em Stettin, na época capital do distrito Pommern da Alemanha, hoje Szczecin, na Polônia. Estudou Arquitetura, Matemática e fez doutorado em Física, além de estudar Filosofia e Pedagogia, sua verdadeira vocação. Segundo Borges-Duarte (2019, p. 239), Bollnow “[...] foi um importante investigador e um pensador original, na linha da Filosofia Hermenêutica, em cuja tradição se formou, e da Filosofia da Existência alemã, que cultivou ao longo de toda a sua produção”.

Já Hans-Georg Gadamer, nasceu em Manburg, na Alemanha, sendo um pensador que provocou um marco do pensamento filosófico do século XX. Além disso, foi professor de Habermas. Sua grande obra, *Verdade e Método: traços fundamentais para uma hermenêutica filosófica*, apresenta sua maneira de conceber a hermenêutica. Sua teoria reposiciona o sujeito em sua relação com o objeto (mundo) (Melo, 2012).

Deste modo, no primeiro texto de influência hermenêutica, o conceito de experiência é discutido por Maraun (2006), em um diálogo direto com Bollnow. Para a autora, experiência, que deriva do alemão “*er-fahre*”, significa “de conduzir”, tem relação com o entregar a si próprio, com o pôr-se em situações de risco, aventurar-se, arriscar-se. A noção de experiência é então “[...] aquilo que alguém, na continuidade da condução de sua vida, viveu e, dessa viagem, conseguiu trazer algo para casa e que ele revive” (Maraun, 2006, p. 191).

Para a autora, só vive experiências quem se arrisca, quem sai do plano estritamente racional e se permite em situações em que não há controle absoluto. Fato que não difere no contexto educacional, pois somente vive experiências educativas aquele que se lança em situações novas, sem se opor.

Maraun (2006) também destaca que a experiência, na concepção de Bollnow, não pode ser uma cópia de uma realidade estanque ou de recortes de uma realidade. Antes, é a recepção que o sujeito faz do que está vivendo, é a sua produção de realidades.

Em síntese, o lugar na experiência, de acordo com Maraun (2006, p. 198), está na busca por essas experiências “[...] nas quais crianças e jovens, com suas múltiplas possibilidades de movimento, possam redescobrir muitas diferenças de agir.” A partir da leitura de Bollnow, é a efetivação de um ensino voltado à experiência, que possibilita o prazer da descoberta dos movimentos, dando sentido e significado ao que é aprendido.

Já a concepção gadameriana de experiência é encontrada em Castro e Kunz (2015a). Trata-se de um capítulo de livro no qual há uma discussão sobre como os ambientes sociais, sobretudo a escola, oferecem poucas possibilidades de abertura à experiência, ou ao que os autores chamam de “fazer experiência”.

Nele, os autores enfatizam que o “fazer experiência”, conceito de influência gadameriana, surge como uma real possibilidade de valorização do “se-movimentar” dos sujeitos, em uma relação de abertura e de diálogo com o mundo. Com isso, Castro e Kunz (2015a) acreditam que conseguiram romper com a visão racionalista, que separa o sujeito, que se movimenta, do movimento por ele realizado.

Castro e Kunz (2015a) chamam a atenção para o fato de que a infância é um momento propício para uma formação aberta às experiências, isto é, mirando a formação de sujeitos experimentados, na concepção gadameriana. Desse modo, os autores apontam que traços típicos infantis como a espontaneidade, a curiosidade e a criatividade possibilitam que “[...] novos sentidos sejam estabelecidos sobre o brincar com alguma coisa, uma mudança de sentido, um novo significado, uma nova construção ou reconstrução” (Castro; Kunz, 2015a, p. 125).

E, por fim, os autores refletem sobre o quanto o estímulo e abertura às experiências aproxima os professores de educação física escolar de um mais profundo entendimento do “ser-criança” e da própria complexidade do ser humano. Além disso, ao trabalhar com os elementos da cultura de movimento de modo a dar sentido ao vivido, à descoberta do novo, à experiência, é possível conduzir as crianças a um conhecimento de si, um autoconhecimento.

A influência hermenêutica na abordagem crítico-emancipatória indica a importância da experiência como eixo central na educação física escolar. Há uma ênfase na necessidade de romper com um ensino mecanicista e reprodutivo, promovendo um espaço em que os sujeitos possam construir significados próprios por meio do movimento. Ao integrar as reflexões de Bollnow e Gadamer, Kunz, juntamente com seus colaboradores, reforçam a importância de permitir que os alunos se arrisquem, experimentem e interpretem suas vivências corporais, superando uma perspectiva puramente técnica da educação física.

A concepção de “fazer experiência”, influenciada pela influência gadameriana, amplia a compreensão da prática pedagógica ao deslocar o foco do mero ensino de gestos motores para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e reflexivos. Esse direcionamento implica considerar a cultura de movimento como um campo aberto ao diálogo e à construção de sentidos individuais e coletivos para as práticas. Dessa maneira, a educação física escolar se torna um espaço de encontro entre o corpo, a subjetividade e o mundo.

Por fim, esta noção de experiência aponta para a necessidade de um ensino que respeite a espontaneidade, a criatividade e a abertura ao novo. O professor de educação física deve atuar como mediador desse processo, estimulando os alunos a vivenciarem o movimento não apenas como um mero gesto técnico, mas como um meio de expressividade e conhecimento de si.

Influências contemporâneas: as contribuições de Bondía e Hildebrandt-Stramann e a escola aberta às experiências

Os dois autores que influenciam o debate sobre experiência na abordagem crítico-emancipatória são Hildebrandt-Stramann e Larrosa Bondía. Ambos os autores também são europeus como todos os outros filósofos citados até aqui. Em contraste, estes são contemporâneos e com muitas passagens pelo Brasil, que originaram parcerias com pesquisadores brasileiros.

Em relação aos autores, o professor Reiner Hildebrandt-Stramann, nasceu na cidade de Bonn Bad Godesberg, na Alemanha, no ano de 1950. Possui mestrado em Ciência do esporte, Ciência política e Filosofia, além de doutorado em Ciência do esporte, fato que, certamente, contribuiu para que ele trouxesse para o campo da educação física, ainda nos inícios dos anos 1980, teorias filosóficas sobre a escola e o conceito de experiência. Segundo Hatje (2020), Hildebrandt-Stramann teve forte vínculo acadêmico com a Universidade Federal de Santa Maria, durante os anos em que esteve no Brasil.

A teoria desenvolvida por Hildebrandt-Stramann (2009), influenciada por teóricos como Dewey, Merleau-Ponty, Andreas Heinrich Trebels, Jan Tamboer, propõe uma mudança de concepção no ensino da educação física escolar. À vista disso, era necessário abandonar o ensino mecânico/fechado, possibilitando a efetivação de um ensino participativo/aberto, com aulas abertas (ou ensino aberto), conforme destaca Castro (2018).

O segundo autor, que marca a contribuição filosófica com a qual Elenor Kunz e colaboradores trabalham no conceito de experiência, é Jorge Larrosa Bondía. Ele é professor de Teoria e História da Educação na Universidade de Barcelona, com licenciatura em Pedagogia e em Filosofia, além de doutor em Pedagogia (Bondía, 2017). Suas principais influências teóricas são Hans-Georg Gadamer, Walter Benjamin, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Michel Palmer e Emmanuel Levinas.

De modo similar a Hildebrandt-Stramann, Larrosa Bondía também se insere no debate educacional brasileiro, especialmente no campo pedagógico e artístico, sobretudo a partir da sua concepção de escola e ensino aberto às experiências. Sua entrada no campo acadêmico-científico do Brasil se inicia com as publicações de pesquisadores brasileiros com referencial inspirado em reflexões bondianas, além de artigos traduzidos do espanhol e publicados pelo próprio Bondía (2002) em periódicos científicos brasileiros.

A contribuição de Larrosa Bondía e Hildebrandt-Stramann, para o debate sobre a noção de experiência na abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz, foi iniciada de modo tardio, tendo as primeiras publicações lançadas no ano de 2015. Tal perspectiva acompanha as mudanças efetuadas no campo da educação física que, conforme apresentaram Diehl, Wittizorecki e Molina Neto (2017) e Braga, Holanda e Bungenstab (2021), há uma abertura à pluralidade do debate sobre o conceito de experiência.

Em relação aos textos com influência em Hildebrandt-Stramann (2001), o debate sobre a experiência existente na abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz, tem-se que, em Castro e Kunz (2015a), a noção de experiência é trabalhada, primeiramente, por sua relação com o ser humano que se movimenta. Para Hildebrandt-Stramann (2009), a experiência constitui em noção tal que se relaciona intrinsecamente com a humanidade do ser.

Além disso, Castro e Kunz (2015a) destacam o caráter transitório das experiências quando analisadas por meio da concepção de Hildebrandt-Stramann (2009). Os autores argumentam que a “[...] autenticidade da experiência da criança não somente é autêntica porque é dela, mas também porque é por meio da sua experiência que seus movimentos e percepções estão em constante mudança” (Castro; Kunz, 2015a, p. 121).

No referido texto, a influência de Hildebrandt-Stramann (2009) se articula pelo entendimento de que é preciso pensar em formas de mediar o ensino dos elementos da cultura de movimento por meio da abertura às experiências. Portanto, para o autor, tais experiências de movimentos também precisam considerar a experiência do mundo de vida (cotidiano) dos alunos, dando novos sentidos e significados para elas.

Já nas reflexões estabelecidas por Castro e Kunz (2015b), há um diálogo com o conceito de experiência de Hildebrandt-Stramann (2009), defendendo-a como via de superação para um modo de pensar a educação física, na qual há o predomínio do controle sobre a subjetividade e sobre as experiências corporais das crianças.

Castro e Kunz (2015b) questionam o modo como a contemporaneidade ainda supervaloriza conhecimentos ditos científicos em detrimento de conhecimentos oriundos da experiência com o mundo. Em diálogo com Hildebrandt-Stramann (2009), os autores mostram como este fato condiciona o olhar de toda a comunidade escolar a ver a educação física de maneira inferiorizada, descredibilizando os saberes das experiências corporais.

Por fim, em Kunz, Hildebrandt-Stramann e Surdi (2021), o último artigo publicado por Elenor Kunz sobre a noção de experiência, nos termos de Hildebrandt-Stramann (2009), tem-se uma reflexão sobre esta noção e suas

relações com o “aprender brincando”, neste caso, em específico, aprender o esporte futebol por meio dos jogos.

Para os autores supracitados, no componente curricular educação física, há um relacionamento de ordem estético-expressivo expressado pelo se-movimentar corporal, conforme já anteriormente trabalhado por Kunz (1991, 1994). Desse modo, “corpo e movimento se tornam, assim, agentes de um relacionamento homem-mundo bem específico e com uma possibilidade muito especial de aprender e conhecer” (Kunz; Hildebrandt-Stramann; Surdi, 2021, p. 2).

Esse aprender e conhecer se tornam uma aprendizagem efetiva, rica e significativa quando abordados de maneira aberta, mirando as diversas possibilidades de experiência. Tais experiências, de tão específicas, estão para além da linguagem e da literatura, transcendendo o saber conceitual, pois entram no campo cinestésico, isto é, um saber corporal.

Por fim, os autores realçam a importância de que a educação física supere a dicotomia teoria/prática, pois ela impede um ensino rico em experiências diversificadas. Desse modo, os autores apontam que uma concepção fenomenológica de ensino pode contribuir para a implementação de uma didática que siga o princípio do “aprender brincando” e não do mero “aprender pela adaptação às destrezas técnica” (Kunz; Hildebrandt-Stramann; Surdi, 2021, p. 16).

Já em relação às influências ressonantes da noção de experiência de Bondía (2002), convém mencionar os dois textos de Castro e Kunz (2015a, 2015b), analisados anteriormente, que além de trabalharem com a experiência de Hildebrandt-Stramann (2009), também estabelecem um diálogo profícuo com o filósofo espanhol.

Destarte, em Castro e Kunz (2015a), o diálogo com Bondía (2002) ocorre a partir do artigo *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Neste texto, há uma síntese de toda a reflexão acerca da experiência, sendo esclarecedor o entendimento desta noção, pois faz a distinção entre experimento/experiência.

Assim, Castro e Kunz (2015a) dão ênfase na distinção experiência/experimento, destacando que se o experimento é genérico e fugaz, a experiência é singular e profunda. Por isso, nas aulas de educação física deve-se buscar apresentar os conteúdos de modo a ter sentido e significado para os alunos, configurando-se como uma experiência.

Castro e Kunz (2015a) também chamam a atenção para as diferenças entre o sujeito que vive um acontecimento aos moldes do experimento, que acaba por ser objetificado, e o sujeito que faz uma experiência, que é compreendido como

um território de passagem, uma superfície sensível. Essa reflexão dialoga diretamente com a noção de sujeito da experiência aduzido por Bondía (2002).

Por fim, Castro e Kunz (2015a) se utilizam da experiência de Bondía (2002) para pensar o brincar e o se-movimentar da criança, pois é pela brincadeira que a criança pode estabelecer vínculos ativo e de sensibilidade com as coisas que o cerca, ressignificando-as. Para tal, é necessário que as aulas de educação física favoreçam à liberdade, à criatividade, à curiosidade e à espontaneidade, pois estas são princípios elementares para o acontecimento de experiências.

De modo análogo, Castro e Kunz (2015b) também refletem sobre o conceito de experiência a partir do texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, buscando, sobretudo, destacar a raridade de situações de experiências na contemporaneidade. Tal cenário faz com que a escola e, por consequência, a educação física escolar também sofram por falta de experiências.

Em citação direta a Bondía (2002), Castro e Kunz (2015b) definem experiência como aquilo que, de algum modo, toca o sujeito, produzindo nele marcas (lembranças) indelévels, deixando marcas na consciência, formando e transformando os sujeitos. Na visão dos autores, essa definição é fundamental para que não se confundam vivência e experiência, pois estas não são a mesma coisa.

Os autores também destacam que a condição de “antiexperiência” do processo de ensino-aprendizagem vigente na contemporaneidade é saturada de informações/opiniões, afastando os sujeitos de um ensino existencial/estético (Castro; Kunz, 2015b). Isso se dá nas aulas de educação física escolar, que estão cada dia mais pobres em experiências corporais.

Por fim, Castro e Kunz (2015b) ressaltam a necessidade de que a educação física contribua no resgate da importância da experiência e da valorização do mundo vivido das crianças, nomeadamente fazendo despertar o poder criativo que a criança ainda possui, ressignificando o seu olhar para os elementos da cultura de movimento e evidenciando o lugar da experiência no âmbito da educação física escolar.

Por fim, ao considerar as noções de experiência desenvolvidas por Hildebrandt-Stramann e Larrosa Bondía, é possível identificar uma convergência fundamental com a abordagem crítico-emancipatória. A perspectiva de um ensino que valoriza a experiência como um processo de abertura, reforça a necessidade de práticas que reconheçam os sujeitos como agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a educação física escolar, ao incorporar essa noção de experiência, passa a atuar como um espaço de descoberta e ressignificação do movimento humano.

Desse modo, Kunz, auxiliado por seus colaboradores, encontram respaldo tanto em Hildebrandt-Stramann quanto em Bondía, pois ambos defendem uma abordagem que valoriza o envolvimento sensível do sujeito com o mundo. Assim, a conexão entre essas influências filosóficas contemporâneas e a proposta crítico-emancipatória se manifesta na necessidade de transformar as aulas de educação física em espaços de experimentação das práticas corporais. O aprendizado passa a ser compreendido não como mera absorção de conteúdos predefinidos e engessados, mas como um processo dinâmico, que respeita a singularidade das experiências vividas pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível concluir que os autores e as teorias que fundamentam a noção de experiência na perspectiva crítico-emancipatória derivam de distintas correntes filosóficas, evidenciando a capacidade de Elenor Kunz em articular e apropriar-se de diferentes referenciais teóricos de forma consistente e aprofundada. Além disso, evidencia-se o “bom ecletismo” do autor, em muitos momentos auxiliado por seus colaboradores, por percorrer diferentes teorias, às vezes até antagônicas, sem, no entanto, levantar uma ou outra bandeira.

Portanto, o debate sobre experiência encontrado na abordagem crítico-emancipatória tem um movimento similar ao identificado no campo acadêmico da educação física (Diehl; Wittizorecki; Molina Neto, 2017; Braga; Holanda; Bungenstab, 2021). Isto é, fundamentado por uma composição de diferentes autores com uma pluralidade de definições para os conceitos. Além de reflexões que vão desde correntes filosóficas da fenomenologia até as correntes ditas mais críticas.

Com efeito, a abordagem crítico-emancipatória, desde seu surgimento, foi colocada como uma alternativa para se pensar o processo de ensino-aprendizagem da educação física oposto ao ensino puramente técnico e “esportivizante”. Portanto, posicionou-se Kunz como um autor que em sua produção intelectual possibilitou diversas formas de intercâmbio de experiências na tematização dos elementos da cultura do movimento.

Além disso, é importante destacar sua preocupação em promover aulas que tenham sentido e significado para os sujeitos que se movimentam, bem como sua defesa pelo fazer experiência das crianças e dos jovens. Ações que o colocam na condição de autor da educação física brasileira que oferece aos professores da área elementos teórico-práticos para o desenvolvimento de aulas pautadas pela lógica da experiência, contribuindo com a formação de alunos críticos, emancipados, dialógicos, expressivos e sensíveis.

Em conclusão, a abordagem crítico-emancipatória, se analisada em conjunto com toda a produção teórica de Kunz (1994) e seus colaboradores, configura-se como a abordagem que encontra o lugar da/para as experiências no âmbito da educação física.

FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Elogio da escola. São Paulo: Autêntica, 2017.

BORGES-DUARTE, Irene. Bollnow leitor de Heidegger e de Binswanger. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, Toledo, v. 2, n. 1, p. 238–254, 2019. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/21557>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BOSCATTO, Juliano Daniel.; KUNZ, Elenor. Consciência e experiência: contribuições para a formação humana. *Conexões*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 34-48, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637673>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BRAGA, Daniel Monteiro do Carmo; HOLANDA, George Ivan da Silva; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira. *Revista Cocar*, Belém, v. 15, n. 33, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4450>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes* (Online), v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CASTRO, Felipe Barroso de. Educação Física aberta à experiência: Um diálogo com as cinco teses de Hildebrandt-Stramann (2009). *Kinesis*, Santa Maria, v. 36, n. 3, p. 115-117, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316546435000>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CASTRO, Felipe Barroso de; KUNZ, Elenor. O fazer experiência do ser-criança: entre o estímulo e a descoberta. In: KUNZ, Elenor. *Brincar & Se-Movimentar*: tempos e espaços de vida da criança. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2015a.

CASTRO, Felipe Barroso de; KUNZ, Elenor. O controle da subjetividade e das experiências corporais sensíveis: implicações para o brincar e se-movimentar da criança. *Motrivivência* (Online), v. 27, n. 45, p. 44-57, 2015b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p44>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DIEHL, Vera Regina Oliveira; WITTIZORECKI, Elizandro Shultz; MOLINA NETO, Vicente. Estado do conhecimento: a categoria experiência no âmbito da Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiás, v.20, n.1, p. 182-193, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/40663>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2017.

HATJE, Marli. Entrevista com o professor Reiner Hildebrandt-Stramann. *Revista Kinesis*, Santa Maria, Dossiê CEFD 50 anos, p.01-11, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/47442>. Acesso em: 10 mar. 2024.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física. Ijuí: Unijuí, 2001.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. Educação física aberta à experiência: uma concepção didática em discussão. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.

KUNZ, Elenor. Educação Física: Ensino & Mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 1-13, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/movimento/article/view/2503>. Acesso em: 10 mar. 2024.

KUNZ, Elenor. Didática da Educação Física 2. Ijuí: Unijuí, 2002.

KUNZ, Elenor; HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner; SURDI, Aguinaldo. Das "profundeza do espaço": considerações sobre o jogo de futebol do ponto de vista da teoria espacial e corporal. *Kinesis*, Santa Maria, v. 39, n.1, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/66702>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MACIEL, Fabrício. A patologia da normalidade: Erich Fromm e a crítica da cultura capitalista contemporânea. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 262-288, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/7JGbZjKWtntknfVV6TMZsRf/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MARAUN, Heide-Karen. Ensino-Aprendizagem Aberto às Experiências. Sobre a Gênese e Estrutura da Aprendizagem. In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andréas. *Educação Física Crítico Emancipatória: uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; SURDI, Aguinaldo Cesar; ASSIS, Marília Del Ponte de; KUNZ, Elenor. Das técnicas específicas e do mundo vivido: Implicações sobre o imitar e o criar na dança. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 849-864, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/26903>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MELO, Marina Félix de. Hermenêutica e dialética: Gadamer e Habermas na metodologia das Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia* (Online), n. 10, p. 11-20, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/ras.172>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Pensar a prática**, v. 12, n. 2, p.1-10, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/6135>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.63.05>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MOREIRA, Virginia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e crítica* (Online), v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WLv8n6h8GJhjG4ZbkxVy4hb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1986.

TREBELS, Andreas Heinrich. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do se-movimentar. In: KUNZ, Elenor.; TREBELS, Andréas. Educação Física Crítico Emancipatória: uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.

VARGAS, Tairone Girardon; MORISSO, Maríndia Mattos; SAWITZKI, Rosalvo Luis. O Ensino do Esporte Seguindo uma Abordagem Crítico-Emancipatória: Aproximações com o Modelo Sport Education. *Kinesis*, Santa Maria, v. 36, n. 3, p. 91-101, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/31177https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/31177>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Recebido em: 11 out. 2024
Aprovado em: 25 mar. 2025
Publicado em: 17 out. 2025

Artigo submetido ao sistema de similaridade



A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.
